

## O processo de aprendizagem : contribuições da abordagem de João dos Santos

### The learning process: contributions from João dos Santos' approach

DOI:10.34117/bjdv8n5-052

Recebimento dos originais: 21/03/2022

Aceitação para publicação: 29/04/2022

#### **Maíra Maia de Moura**

Doutora em Educação Brasileira

Instituição: Linha História e Educação Comparada -UFC

Endereço: Av. WASHINGTON Soares, 1321

E-mail: mairamaiamoura@hotmail.com

#### **Patrícia Helena de Carvalho Holanda**

Pós Doutora

Instituição: Universidade de Lisboa

Endereço: Rua Waldery Uchoa, 01

E-mail: proa.patriciaholanda@gmail.com

#### **RESUMO**

O presente artigo tem como objetivo compreender a aprendizagem, privilegiando a abordagem Santiana. João dos Santos (1913-1987) foi um importante pedopsiquiatra e psicanalista português, que tratou as áreas da saúde mental e educação de crianças e jovens em Portugal. Trata de um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, trazendo o tema aprendizagem em diálogo com os diversos campos de saberes, buscando uma compreensão melhor do objeto em questão.

**Palavras-chave:** aprendizagem, João dos Santos, educação.

#### **ABSTRACT**

The present article aims to understand learning, privileging the Santiana approach. João dos Santos (1913-1987) was an important Portuguese child psychiatrist and psychoanalyst, who dealt with the areas of mental health and education of children and young people in Portugal. This is a qualitative and bibliographic study, bringing the theme of learning into dialogue with the various fields of knowledge, seeking a better understanding of the object in question.

**Keywords:** learning, João dos Santos, education.

#### **1 INTRODUÇÃO**

Esta pesquisa foi elaborada com o intuito de compreender a aprendizagem, privilegiando a contribuição da teoria de João dos Santos (1913-1987), pedopsiquiatra, psicopedagogo, neuropsiquiatra e psicanalista português. O autor acima referido tem

ligação com os estudos psicanalíticos e proximidade com Freud (1856-1939), Geisell (1907-1996), Piaget (1896-1980), Wallon (1869-1962) e Winnicott (1896-1971).

A palavra aprender deriva do latim ‘aprehendere’, que tem por significado “agarrar”, “pegar”, “apoderar-se”. Compreendemos aprendizagem como um processo em que a pessoa se apropria de algo, seus conhecimentos, habilidades valores, crenças, informações, atitudes, estratégias. Dessa forma, aprendizagem está ligada a uma mudança, à ampliação das vivências internas e externas dos indivíduos, ao que ele necessita aprender dentro de cada cultura.

Autores que estudam a área da neurobiologia, como Friedrich e Preiss (2006), apontam que, uma vez estudada a plasticidade cerebral e as milhares de conexões entre os neurônios, puderam constatar que as mais variadas situações de aprendizagem modificam as capacidades cognitivas e cerebrais, que, por sua vez, ampliam nossa capacidade de aprendizagem. Todo ser humano quer aprender desde o momento em que nasce, sendo essa qualidade humana fundamental. É pela aprendizagem que nos apropriamos da cultura e nos tornamos parte dela.

A aprendizagem se dá nas demais espécies animais, desde insetos até primatas, porém é o ser humano aquele que possui capacidades de aprendizagem mais complexas, desenvolvidas e com maior flexibilidade (POZO, 2002).

Aqui tratamos de um estudo de natureza qualitativa e bibliográfica, fazendo um recorte do tema aprendizagem, na tentativa de diálogo com os diversos campos de saberes, buscando uma compreensão melhor do objeto em questão. Transitamos pela compreensão de aprendizagem, em seus aspectos gerais, até analisarmos a concepção de aprendizagem para João dos Santos.

## **2 CONTRIBUIÇÕES DE SIGMUND FREUD E DA PSICANÁLISE**

Sigmund Freud (1853-1939) foi um médico neurologista e criador da psicanálise, que inaugurou outro tempo, colocando o inconsciente como lado sombrio da mente humana. Vale pensar que, antes de Freud, tínhamos o primado do Iluminismo, falamos aqui em Época da Razão. O primitivo, o arcaico, não era bem visto. Freud, com sua teoria, começou a nos trazer reflexões importantes acerca do homem em sua obra, trazendo temas como processos de desenvolvimento da infância, narcisismo, manifestações físicas e mentais da sexualidade, complexo de Édipo, relações de transferência, o lugar do desejo, o inconsciente.

Sigmund Freud inaugura um campo epistemologicamente novo, o qual

denominamos *Psicanálise*. Entre os conceitos universais de sua teoria, temos o complexo de Édipo, relativo aos sentimentos primários ambíguos experimentados pela criança na primeira infância, investimentos libidinais nas figuras que exercem função materna e paterna para a criança. A criança escapa desses desejos pelo recalque. Em linguagem simples, existem esses impulsos infantis para o incesto que permeiam a psique humana.

Esse conceito é construído a partir dos estudos e casos clínicos atendidos por Freud em seu trabalho clínico com as pacientes histéricas que acompanhava. Santos comenta sobre o complexo de Édipo:

João dos Santos aponta que a forma como os psicanalistas se apercebem do Édipo no decurso da psicanálise não tem haver com fatos concretos da vida real de cada pessoa, mas apenas com sentimentos que afloram à consciência, em certos momentos privilegiados das relações do analisando com o analista [...] Portanto, o Édipo não existe, o Édipo representa uma referência ao sentimento profundo e inconsciente das pessoas. De qualquer forma, a situação edípiana refere-se a um conflito triangular latente que ocorre a partir de uma determinada fase da vida evolutiva em que a criança organiza uma certa forma inconsciente de ver ou sentir os personagens do seu meio familiar. (SANTOS, 2017, p. 37;38).

Sigmund Freud buscou inspiração na tragédia grega *Édipo Rei*, escrita por Sófocles em 427 a.C., tratando-se aqui de uma narrativa mitológica da humanidade, um guia universal que atravessa o homem. João dos Santos comenta em seu livro *A casa da Praia – O Psicanalista na Escola sobre o Édipo*.

Quando Freud falou em Édipo, referindo-se naturalmente à tragédia grega, indicou-a como uma referência mítica. Com efeito, a lenda do rei Édipo é muito anterior ao seu aparecimento nos jogos dionisíacos. A história de Laius (seu pai) e do menino Édipo corresponde a uma inspiração da velhíssima lenda que circulava naquela região da Europa e a lendas parecidas noutras partes do mundo. Quando Freud introduziu o mito de Édipo na teoria psicanalítica pretendeu estabelecer pontos de referência do inconsciente, portanto numa parte do funcionamento mental de muito difícil abordagem, que ele reúne no trabalho que se intitule metapsicologia, o que lembra, naturalmente a metafísica dos filósofos. (SANTOS, 2017, p. 37).

Em 1900, Sigmund Freud publica a obra *Interpretação dos Sonhos*, tendo como objeto de estudo o *inconsciente*, trazendo-nos à compreensão de que existem em nossas narrativas dois discursos, um que o *EU* sabe e outro que *EU* não sabe. Vemos aqui uma clara influência do filósofo alemão do séc. XIX Schopenhauer (1788-1860), autor da frase “Não somos senhor nem em nossa própria casa”. Freud explica, entre seus capítulos de *Interpretação dos Sonhos*, as suas famosas tópicas: *primeira tópica* – conceitos das instâncias psíquicas consciente, pré-consciente e inconsciente – e *segunda tópica* como

tentativa de esclarecimento da primeira – explica os conceitos de *ID*, *EU* e *SUPER EU*. Essas três estruturas se intercomunicam por intermédio de libido, ao se cruzarem.

Com Freud, compreendemos que não é o eu o definidor de caminhos, embora o nosso narcisismo queira isso, pois toda a nossa totalidade se inscreve e é movida pelo inconsciente. A lógica que falamos aqui é a lógica do *desejo*, algo me falta e eu não sei o que é. Os achados de Freud colocaram a modernidade de cabeça para baixo.

Freud, com sua teoria, diz-nos que o inconsciente tem estrutura desejante, traz consigo definições genéticas que herdamos e que nos impulsionam para vida. É no inconsciente que moram os instintos que se tornaram pulsões. Compreendem-se por pulsão os instintos que saem do inconsciente para uma determinada direção nos impulsionando para a vida, tendo estrutura desejante. Portanto, somos o ser da falta, o ser da angústia. Sigmund Freud entende essa dinâmica por meio de *princípio do prazer* e *princípio da realidade*.

As ideias de Sigmund Freud tiveram grande impacto nos campos da Psicologia, Psiquiatria e Educação. Ele rompeu, de fato, com a fé absoluta na razão humana. Nesse sentido, se a razão rompeu com a religião, entre os séculos XVIII e XIX, no Ocidente capitalista, a Psicanálise rompeu com a fé, na racionalidade moderna.

É fato a dificuldade que as escolas como instituição educacional têm de pensar a afetividade humana. Principalmente, na educação de crianças e jovens – a dificuldade reside no fato de que a escola moderna foi pensada para fortalecer a racionalidade, por meio da cognição e treinamento da razão.

Freud, em seus escritos sobre o interesse educacional da psicanálise, que está nas *Obras completas vol. XIII*, baseia-se na sua ideia de que somente “alguém que possa sondar as mentes das crianças será capaz de educá-las”, e ele aponta que nós adultos não compreendemos as crianças porque não entendemos a nossa própria infância (FREUD, 1996, O/C vol. XIII, p. 190). Percebemos a influência de Freud em João dos Santos, quando ele afirma “o segredo do homem é a sua própria infância”, o que ele trata na obra *Ensaio sobre Educação II*, de 1983, citado Branco (2010, p. 88). Isso se evidencia no trecho que se segue:

Quando educadores se familiarizarem com as descobertas da psicanálise, será mais fácil se reconciliarem com certas fases do desenvolvimento infantil, e em outras coisas, não correrão o risco de superestimar a importância dos impulsos instintivos socialmente imprestáveis ou perversos que surgem nas crianças. Pelo contrário, vão se abster de qualquer tentativa de suprimir esses impulsos pela força, quando aprenderem que esforços desse tipo com frequência produzem resultados não menos indesejáveis do que a alternativa, tão temida

pelos educadores, de dar livre trânsito as travessuras das crianças. (FREUD, 1996, p. 191).

Freud aponta que a supressão de fortes instintos nas crianças de forma forçada por meios externos não extingue esses instintos ou os deixa sob controle, mas conduz à repressão que vai criar predisposições a doenças nervosas no futuro. Aponta que a severidade inoportuna na educação, ou o a insistência pela normalidade que os educadores exigem sem a compreensão total dos processos de desenvolvimento infantil, auxilia nas produções das neuroses, na perda da eficiência e capacidade de prazer (FREUD, 1996).

João dos Santos (1913-1987), por sua vez, percebeu, no meio médico e escolar, a necessidade de dar atenção aos afetos das crianças e adultos. Santos tem ligação com os estudos psicanalíticos e proximidade com Freud, Winnicott e Wallon. Ele defende uma proposta de pedagogia terapêutica que lide com os dilemas da aprendizagem, nas dimensões cognitiva, afetiva e social das crianças.

### **3 AS CONTRIBUIÇÕES DAS TEORIAS PSICOGENÉTICAS DA APRENDIZAGEM (PIAGET E WALLON)**

As teóricas psicogenéticas de Piaget e Wallon, assim como a psicanálise de Sigmund Freud influenciaram o pensamento de João dos Santos. O autor afirma que a educação se inicia antes da entrada para a escola, com todas as suas interações entre a criança e a mãe e que razão tem por base a relação afetiva, a psicomotricidade e a linguagem. (SANTOS, 2017).

Jean Piaget (1896-1980), biólogo e epistemólogo, tem sua abordagem teórica denominada Epistemologia Genética. O primeiro termo diz respeito ao estudo do conhecimento (científico) e o segundo, à gênese, à origem. Piaget elegeu como pergunta central nos seus estudos: como é possível alcançar o conhecimento? Piaget procurou entender quais processos se encontram nessa evolução de um menor conhecimento para um maior conhecimento. Piaget questionava tanto as teses que diziam ser o conhecimento de origem inata, como os que afirmavam ser fruto de instigações vindas do mundo externo, sendo o conhecimento uma cópia da realidade. Para Piaget, só podemos conhecer algo por meio da interação no ambiente, num intercâmbio sujeito-meio (PIAGET, 2000).

Para Piaget (1991), o desenvolvimento humano passa por fases sucessivas de organização no campo do pensamento e do afeto, que vão sendo construídas a partir da ação da criança e das oportunidades que o ambiente possibilita à criança. A evolução do conhecimento para Piaget é um processo contínuo, a partir da interação ativa do sujeito com

o meio. Piaget investigou as estruturas mentais, enfatizando a existência de um paralelismo entre desenvolvimento da cognição e as ‘formas da afetividade e das formas da existência social e moral’. A inteligência aparece não como fator inato, e sim construído pela criança em seu mundo. A inteligência está presente em todas as fases do desenvolvimento.

Piaget propõe 4 (quatro) etapas no processo evolutivo da espécie humana caracterizadas “por aquilo que o sujeito consegue fazer melhor” no decorrer das diversas faixas etárias ao longo do seu processo de desenvolvimento. Essas etapas não devem ser pensadas como momentos etários rígidos, nem de forma obrigatória, mas de forma aproximada. Piaget nos coloca diante de características afetivas, de socialização e cognição que consistem de uma construção e não de uma programação biológica previsível (MORO, 2002). São elas:

- a 1º período: Sensório-motor (0 a 2 anos);
- b 2º período: Pré-operatório (2 a 7 anos);
- c 3º período: Operações concretas (7 a 11 ou 12 anos);
- d 4º período: Operações formais (11 ou 12 anos em diante).

Uma das contribuições de Piaget para educação foi a perspectiva de que o ser humano constrói ativamente seu conhecimento em relação à realidade externa e que as interações entre os indivíduos são fator primordial para seu desenvolvimento cognitivo e afetivo. Na área da educação, dizemos que o destaque está no aluno, no seu modo de pensar, de raciocinar, nas suas ações, na forma como interpreta e soluciona as diversas situações-problemas. Parte da noção de que se aprende partindo de uma nova interpretação do conhecimento.

Santos (2017) aponta que a razão tem por base a relação afetiva, a psicomotricidade e a linguagem. Isso mostrou todos os psicólogos geneticistas que nasceram no século passado e chegaram até esse século, entre os quais Sigmund Freud.

Toda atividade das crianças na escola é orientada pela ideia de que o movimento e a atividade externa virão a ser, mesmo antes da escola, progressivamente interiorizados sob a forma de pensamento e da atividade tendente ao desenvolvimento mental, e portanto, à compreensão da atividade simbólica. São os movimentos corporais, e em particular os gestos, que na opinião de muitos geneticistas organizam e desenvolvem a atividade psíquica. Piaget falou da atividade sensório motora como primeira forma de inteligência, Janet da inteligência das situações e Wallon da inteligência prática como prelúdio da inteligência teórica ou conhecimento. (SANTOS, 2017, p. 43).

Entre as contribuições de Piaget, temos a importância de um método ativo de ensino. Criticou as metodologias que baseiam o ensino e a aprendizagem em

simplesmente exposição/transmissão de conhecimento e métodos repetições mecânicas de conhecimento (PIAGET, 2000).

Para Piaget (2000), é muito importante que o professor esteja ciente do que está ensinando, assim como das especificidades e características do desenvolvimento da inteligência e que conheça como as operações lógico matemáticas se desenvolvem no pensamento do sujeito. Para ele, os erros que as crianças cometem nas resoluções dos problemas tem caráter formador, pois até que determinados conteúdos sejam apreendidos, esse pensamento trouxe uma grande repercussão para a área da educação no que tange aos modos de avaliações. O construtivismo dito aqui envolve processos de assimilação, onde aprender resulta de uma elaboração interna, uma interpretação do objeto que se dá na interação com o meio/mundo.

Portanto falamos aqui de uma teoria da aprendizagem que se define como interacionista onde aponta a importância das relações reversíveis entre sujeito e mundo; ela é construtivista e não inatista ou empirista; compreende que a inteligência é construída, sendo necessário compreendê-la sem seus aspectos qualitativos; se desenvolve de forma a centrar o conceito de competência, tendo como condição os estágios do desenvolvimento.

Henri Wallon (1879-1962) nasceu na França e teve estudos em vários campos: educação, medicina, psicologia e filosofia. Deu grandes contribuições à área da educação no que tangem ao ensino e à aprendizagem. Sua teoria é considerada a psicogênese da pessoa completa, entendendo o ser humano em sua totalidade, nas dimensões do intelecto, emocional e as influências histórico-culturais.

Holanda e Morato (2016) apontam que a concepção de educação de João dos Santos guarda similaridades com as perspectivas wallonianas, quando defende que a educação de crianças e jovens deve estar voltada para um futuro mais feliz e promissor na sociedade em que terão de viver.

Santos (2017) aponta que, João dos Santos, em *A casa da Praia – O psicanalista na escola*, aprendeu muito com seu mestre Wallon, do estudo da teoria walloniana e da prática que adquiriu em seu laboratório. Relata que aprendeu os esquemas terapêuticos e didáticos, a compreensão das etapas evolutivas que precedem as situações de crise, os atrasos e fixações que acometem crianças com problemas de iniciação à aprendizagem escolar.

Dos estudos das teorias de Wallon e da prática que adquiri em seu laboratório, pude deduzir que pedagogia era a filosofia ou a teoria da educação escolar. A

convicção de que a educação se inicia antes da entrada para a escola, com todas as suas interações entre a criança e a pessoa da mãe, levaram-me a aceitar que, genética ou psicanaliticamente, a educação pedagogicamente dirigida era precedida por uma educação espontânea e da relação entre criança e mãe. (SANTOS, 2017, p. 87).

Na prática de Wallon com a psiquiatria, ele atendeu crianças com problemas neurobiológicos e com distúrbios psicológicos, além de atender pessoas vítimas de guerra. Essas experiências lhe ofereceram ampla experiência, construindo, assim, a sua teoria psicológica. Estudou a dialética de Marx, que influenciou sua teoria Psicológica no que tange ao método de análise e à ideologia libertária.

A teoria de Wallon se ocupa da relação da criança e seu meio social; das alterações que ocorrem em seu desenvolvimento nos diversos momentos; das necessidades das crianças e do que o meio (ambiente social) lhe oferece. Ele tem por propósito compreender a gênese dos processos psíquicos do sujeito a partir da concepção de desenvolvimento que engloba as dimensões motora, afetiva e intelectual. Para o autor, afetividade é um conceito amplo. Nele estão vários processos, como a emoção, o falar, o mover, o pensar e o desejar. O suporte biológico é importante, mas não é o elemento definitivo.

Crianças que passam a maior parte do tempo na escola, porque seus pais precisam trabalhar, podem viver aí uma experiência familiar, sendo que a educação delas fica, em grande parte, por conta da escola. Dessa forma, os papéis da família e da escola podem se confundir. Assim, uma instituição pode transferir para a outra a responsabilidade sobre a educação da criança. Pode ocorrer, também, transferência de afetos entre professores e alunos.

Henri Wallon estuda a criança compreendendo suas fases de desenvolvimento. Enxerga o ser humano como biologicamente social, um ser em cuja estrutura orgânica supõe a intervenção da cultura. Ao dividir o desenvolvimento em estágios, salienta que a duração de cada um é variável, pois trata de processos interacionistas da criança com o meio social, dessa forma não é rígido (WALLON, 1989).

Para Galvão (2000), Wallon entende que cada estágio é preparado pelo anterior e prepara o subsequente, assim, se dá sempre a integração das novas aprendizagens às antigas. O importante são as atividades e os interesses específicos que compreendem cada estágio no processo do desenvolvimento do ser humano.

Os estágios são chamados impulsivo-emocional, sensorio-motor projetivo, personalista, categorial e a adolescência. Em cada fase, predomina um tipo específico de



característica, onde há alternância entre as manifestações afetivas e intelectuais, chamadas por Wallon de alternância funcional. O desenvolvimento do ser humano é um processo constante durante toda vida e, a cada momento, o desenvolvimento irá apresentar certas especificidades (WALLON, 2007).

Os cinco estágios de desenvolvimento do ser humano sucedem-se em fases com predominância afetiva e cognitiva, e as realizações de um período contribuem para o próximo. As aquisições intelectuais e linguísticas na adolescência são novas, mas trazem relação com as construções dos períodos passados: Estágio impulsivo-emocional (1º ano); Estágio sensório-motor Projetivo (1 a 3 anos); Estágio do personalismo (3 aos 6 anos); Estágio categorial (6 aos 11 anos) e Estágio da adolescência (a partir dos 11 anos).

#### **4 APRENDIZAGEM NA ABORDAGEM SANTIANA**

Foram os trabalhos de Freud, Wallon, Gesell e Piaget que auxiliaram João dos Santos a defender determinada posição de saúde mental para crianças e jovens. Para Santos, a educação tem duas fases e dois aspectos: a educação relacional, que é o instinto materno, e a pedagogia, que são as didáticas sistematizadas postas em prática. Uma forma de educar não funciona sem a outra (SANTOS, AUC, 1982, 1998 *apud* BRANCO, 2010).

João dos Santos aponta que a aprendizagem primeira é transmitida pela mãe, pois, assim como afirma Winnicott, a gênese da inteligência e da aprendizagem está na linguagem primitiva que a mãe estabeleceu com o bebê, aprendizagem essa que vai tendo progressiva representação mental do mundo e da criação cada vez mais ricas de símbolos, culminando na aquisição de sabedoria e espiritualidade. Sobre aprendizagem, escreve Santos (1981, p. 48, 49):

Uma criança cresce e desenvolve-se não só adaptando-se, como acontece com outros seres, mas também integrando-se às ideias e aos sentimentos que espiritualmente a envolvem e ultrapassam. Aprender é investigar e conhecer através da própria experiência adquirida. Aprender é sentir, participar e aceitar a lei natural e a lei do grupo. Há uma “instituição fundamental, na sociedade humana. Sem linguagem, que é ao mesmo tempo lei e simpatia humana. Sem linguagem não haveria grupo humano, nem passatempo, nem inteligência.

O conjunto das formas de linguagem é a mãe que pode comunicar ao filho: a expressão corporal, o jogo dos sentimentos, a palavra e o ritmo verbal; a música, a pintura e o desenho. Com a mãe e com afeto, se aprende o uso da palavra, aquisição fundamental e instrumento do pensar. Não seria possível ensinar na escola se as crianças não tivessem

previamente feito com a mãe, e depois com outros familiares, toda espécie de experiências verbais livres (SANTOS, AUC, 1982, 1998 *apud* BRANCO, 2010):

A escola devia dar continuidade ao método maternal que ensina com o amor, que nutre o espírito da criança mais do que todos os manuais. É preciso que na escola se brinque, cante, desenhe, pinte e fale em liberdade, antes que se dê satisfação aos pais e educadores apressados e obcecados com a ideia do exame. (SANTOS, 1981, p. 131-133).

Para aprender as letras e os números, a leitura e as operações aritméticas, deve-se ter a aprendizagem do convívio, das trocas afetivas e do diálogo que se faz na família. A escola não é clínica, a escola não substitui a família.

Santos aponta que não se pode oferecer cultura acadêmica a quem não teve infância afetivamente instaurada dentro do campo das relações existentes entre as pessoas que exerciam as funções parentais. Ninguém ensina ninguém, as pessoas é que aprendem (BRANCO, 2010).

João dos Santos, assim como Freud e os primeiros psicanalistas de crianças, Anna Freud, Melanie Klein e Donald Winnicott comparam as crianças aos artistas e aos poetas. Com Winnicott, Santos compartilha a noção de aprendizagem valorizando o conceito de criatividade, ancorado na sua origem, como bom fornecimento afetivo na relação materna, sendo este o reservatório original para toda a vida desse ser, desde a capacidade de sonhar, de brincar, criar artisticamente e poeticamente o próprio self e o mundo. Falamos então dessa ideia de criatividade primitiva, que João dos Santos remonta à experiência da relação inicial com a mãe suficientemente boa.

Santos, apoiado em Freud, Henri Wallon, Jacques Lacan e Agostinho da Silva e baseado em sua ampla cultura e experiência humana e clínica, traz uma reflexão sobre “a ancestralidade das imagos modelares de criatividade, que afirma remontar filogeneticamente à infância da Humanidade, e que cada um de nós repete ontogeneticamente na história evolutiva pessoal” (BRANCO, 2010, p. 399-400).

A criatividade, fonte de cultura, alicerça-se na tradição. Portanto criar só é possível com base numa tradição. Para o autor, educar com base numa tradição significa, em termos práticos, respeitar o saber e a sabedoria anteriores da criança, o que ela adquiriu no tempo primitivo de sua criação. É importante, no campo da educação, respeitar a criança, em relação àquilo que ela já sabe. A escola, por sua vez, deve ser o lugar onde as crianças e os adolescentes se sintam protegidos e amados.

Para João dos Santos, os problemas na aprendizagem das crianças e adolescentes devem ser compreendidos, nas bases da psicologia genética, na perspectiva da continuidade e descontinuidade da ação (gratificação/frustração) do desenvolvimento e das relações de objeto (BRANCO, 2010).

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra de João dos Santos também traz uma reflexão sobre a teoria psicanalítica, articulada com sua prática profissional, aplicada de forma transformadora ao processo educacional, desmistificando que o lugar da psicanálise se restrinja apenas ao consultório dos psicanalistas. Toda a riqueza do conhecimento psicológico e psicanalítico é colocado a serviço da criança e do adolescente, na família e dentro da sala de aula.

Estamos o tempo todo em situações que nos colocam como aprendizes ao longo da nossa vida, pois diversas aprendizagens vão aparecendo e sendo incorporadas àquelas que já existem, permitindo a emersão de novos pensamentos, visões, sentimentos e comportamentos (LA ROSA, 2004).

As teóricas psicogenéticas de Piaget e Wallon, assim como a psicanálise de Sigmund Freud influenciaram o pensamento de João dos Santos. O autor afirma que a educação se inicia antes da entrada para a escola, com todas as suas interações entre a criança e a mãe.

João dos Santos defende que a educação é tarefa de várias instituições, não se restringindo à família nuclear e à escola, porque depende de experiências obtidas junto à família alargada e outros laços sociais, como a escola. (BRANCO, 2010).

## REFERÊNCIAS

- BRANCO, Maria Eugênia Carvalho e. **João dos Santos: Saúde Mental e Educação**. Lisboa. Coisa de Ler, 2010.
- FREUD, Sigmund. **Totem e Tabu e Outros trabalhos (1913-1914)**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. XIII.
- FRIEDRICH, G.; PREISS, G. Ciência do Aprendizado. **Revista Mente e Cérebro**, São Paulo, p. 6-13, 2006.
- GALVÃO, I.; WALLON, H. **Uma concepção dialética do desenvolvimento Infantil**. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- HOLANDA, P. H. C.; MORATO, P. J. P. **Pedagogia Terapêutica: diálogos e estudos luso brasileiros sobre João dos Santos**. Fortaleza: Edições UFC, 2016.
- LA ROSA, J. **Psicologia e Educação: O Significado do Aprender**. Porto Alegre: EDPUCRS, 20 **Para onde vai a Educação?** 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.
- MORO, M. L. F. Implicações da Epistemologia Genética de Piaget para Educação. In: PLACO, V. M. N. S. (Org.). **Psicologia e educação: Revendo contribuições**. São Paulo: Educ, 2002.
- PIAGET. J. **Seis estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1991.
- \_\_\_\_\_. **Para onde vai a Educação?** 15. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.
- POZO, J. I. **Aprendizes e Mestres: a nova cultura da aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- \_\_\_\_\_. **AS origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1989.
- SANTOS, João dos. **Ensaio sobre educação I: A criança quem é?** Lisboa: Livros Horizonte, 1981.
- \_\_\_\_\_. **A casa da praia – o psicanalista na escola**: Product Solutions Catalysis Ltda, Woking, Surrey, Reino Unido, 2017.